

SANTIAGO GUIJARRO, *El camino del discípulo* (Ed. Sígueme, Salamanca 2015) 173 pp. ISBN: 978-84-301-1894-6.

O «discipulado» e «o caminho» são dois dos temas fundamentais no Evangelho de Marcos e ambos estão unidos. Ser discípulo é fazer «o caminho»: o de Jesus. Santiago Guijarro, seguindo o método narrativo, desenvolve esta ideia através de cinco capítulos (a que acrescenta um prólogo, um epílogo e um apêndice com o texto cursivo do Evangelho) sem notas de rodapé, mas com anotações bibliográficas no final de cada capítulo. O autor procura também em cada parte relevar a pragmática, ou seja, a resposta que o narrador pretende obter do leitor implícito (ou ideal), com cujo percurso o leitor real é chamado a confrontar-se.

O capítulo I sublinha a importância dos discípulos no relato de Marcos, que os apresenta sob enfoque positivo e negativo. Santiago defende que a intenção do evangelista é apresentar uma visão sobre o discipulado; a dificuldade está em perceber qual: para uns tem como objetivo apresentar uma forma não adequada de seguir Jesus; para outros, a intenção pastoral de evidenciar os escolhos que se devem evitar. Para responder, convida o leitor a ler o evangelho tendo em conta que se trata de um texto narrativo, enquanto representação dos acontecimentos, o que implica um ponto de vista e, portanto, uma interpretação. Isto significa que os relatos refletem também a vivência dos discípulos que transmitiram os acontecimentos de Jesus e a dos primeiros discípulos.

Em Marcos, «os discípulos» são de modo particular os Doze, objeto de um duplo chamamento: o primeiro junto ao lago (1,16-18, que continua até à formação do grupo dos Doze em 3,13-19); o segundo em 8,33-34, depois da oposição de Pedro a que Jesus vá a Jerusalém entregar a sua vida. Neste segundo chamamento, Jesus, falando com Pedro mas dirigindo-se aos discípulos (e a seguir à multidão), usa a mesma expressão que utilizara no chamamento junto ao lago: «atrás de mim», que, segundo Santiago, com o verbo «seguir» caracterizam o discipulado. Mas o contexto dos dois chamamentos é diferente: o primeiro é o da alegria da chegada iminente do Reino, o segundo o dos anúncios da Paixão.

No entanto, aparecem outras personagens menores que recordam o leitor que os discípulos são mais que os Doze e que têm uma função retórica: sublinhar determinada característica do verdadeiro discípulo. Enquanto os Doze claudicam no seguimento, estas personagens servem de modelo noutras formas de seguir Jesus.

O capítulo II trata do primeiro chamamento, no horizonte do Reino de Deus, que se estrutura em três momentos: o chamamento (1,16-20), a criação do grupo dos Doze (3,13-19), o envio e a missão (6,7-13).

O chamamento acontece no contexto do anúncio da chegada do Reino de Deus (1,14-15) e os discípulos respondem com prontidão e generosidade, tornando-se um bom exemplo do que representa a conversão e um modelo do que significa seguir «atrás de Jesus».

A criação do grupo dos Doze aparece como um segundo momento do processo vocacional, que sublinha a dimensão comunitária do seguimento, e que Santiago identifica com o esquema cultural e social dos ritos de passagem (separação, transição e agregação); os discípulos distanciam-se das suas famílias para constituir uma nova família (3,35), a quem Jesus instrui através de parábolas (a parábola das sementes refere-se aos discípulos: 4,10-25).

O terceiro momento é o do envio e missão dos Doze, que tem o mesmo conteúdo que a de Jesus (pregar a conversão: 1,15; expulsar demónios: 1,21-28; curar doentes: 1,29-30). Mas o regresso dos discípulos marca uma reviravolta na sua relação com Jesus: depois da primeira multiplicação dos pães, quando Cristo caminha sobre as águas, o narrador sublinha o facto de os discípulos não compreenderem nada a respeito dos pães por estarem de coração endurecido (6,52); também Jesus se queixa da sua incompreensão sobre a questão da pureza dos alimentos (7,18) e do significado da segunda multiplicação pães (8,17-21). Os discípulos fecharam-se e não entendem a dinâmica de saída de Jesus (Mc 1,35-38) ao ponto de Santiago considerar que «a sua incapacidade para compreender situou-os também a eles fora, à margem do mistério do Reino» (p. 54), pelo que também precisam ser curados por Jesus. Perante isto, o leitor fica desconcertado e obrigado a perguntar-se se a ideia que tem sobre o seguimento de Jesus é a mais adequada.

O capítulo III é dedicado à análise do segundo chamamento «no horizonte da Paixão», resultado da clara incompreensão por parte dos discípulos e bem patente na repreensão de Pedro a Jesus no episódio de Cesareia de Filipe (Mc 8,27-30); Jesus recorda Pedro de qual é o seu lugar, voltando a chamá-lo com as mesmas palavras da primeira vez: «atrás de mim» (8,33; 1,17). O Senhor anuncia por três vezes a Paixão, e os discípulos reagem sempre com incompreensão, que por sua vez se torna uma ocasião para explicar as implicações deste segundo chamamento: seguir Jesus servindo, até à entrega da própria vida (8,34-37; 9,35; 10,42-45). Santiago demonstra como os diversos episódios que constituem esta seção narrativa manifestam uma incapacidade dos Doze em escutar Jesus e aceitar a verdade do seu mistério e missão. Chegados a Jerusalém, os diálogos de Jesus são, sobretudo, com os seus opositores, embora os discípulos continuem a ser por ele instruídos direta e indiretamente, mormente sobre o sentido do seu messianismo, que não é dinástico: «Ele não é um Messias Filho de David, mas um Messias Filho de Deus» (p. 73). A Paixão aparece como o desenlace da narrativa onde se revela a *anagnórisis* sobre a verdadeira identidade e o plano de Deus e onde, surpreendentemente, o caminho dos discípulos surge aparentemente como um fracasso. Mas é aberta uma janela de esperança: Jesus promete precedê-los na Galileia (14,28) o que é confirmado pelo mensageiro no sepulcro (16,7). Embora os Doze ocupem um lugar único no ministério de Jesus, não são o melhor exemplo para quem queira segui-lo, mas, ao mesmo tempo, o leitor pode rever-se neles, pois ao sentir as mesmas dificuldades, sabe que, tal como a eles, Jesus não desiste de o instruir pacientemente e de o considerar sempre seu discípulo.

O capítulo IV apresenta-nos outros modelos de discipulado através de um conjunto de personagens menores em que quase todas «encarnam alguma atitude tipicamente discipular» (p.86). Depois de fazer uma sucinta referência a todas (sogra de Pedro, mulheres, endemoninhado de Gerasa, Jairo, mulher com fluxo de sangue e a sirofenícia, Bartimeu, viúva que entrega tudo o que tem, mulher que unge Jesus em Betânia, Simão de Cirene, centurião junto da cruz, José de Arimateia, as mulheres que são testemunhas da morte e sepultura e que regressam para ungir o corpo), Santiago detém-se em três destas personagens que aparecem precisamente nos três momentos em que os Doze expressam de forma clara a sua incapacidade em compreender e seguir Jesus e em contraste com eles: a mulher sirofenícia (7,24-30) que aparece depois incompreensão do significado das multiplicações dos pães (ao contrário dos Doze ela percebe o alcance dos ensinamentos de Jesus sobre os alimentos puros e impuros; o cego Bartimeu (10,46-52) que, ao contrário da incapacidade dos Doze em «ver» o sentido do caminho de Jesus para Jerusalém, supera a cegueira e segue Jesus no caminho para a cruz; a mulher que

unge Jesus em Betânia (14,3-9) não no sentido de um messianismo dinástico (como queriam os Doze) mas em relação com a sua morte, relevando que Jesus manifesta o seu messianismo ao entregar a vida.

Também são destacadas as mulheres que aparecem no final do relato, apresentadas com características de discípulo, pois diz-se que «seguiram e serviram» Jesus na Galileia (14,41), o que o leitor desconhecia até agora. Ao contrário dos outros discípulos, estas mulheres seguiram Jesus até ao fim, foram testemunhas da sua morte e sepultura e no primeiro dia da semana, quando pretendiam ungir o seu corpo, são testemunhas da ressurreição (acrescento eu: trata-se do querigma – morte, sepultura e ressurreição). Mas nem sequer elas são discípulas perfeitas, pois, com medo, calam o anúncio da ressurreição (16,8); também a estas não é possível imitar em todos os aspetos.

O leitor é confrontado com uma série de personagens menores que lhe proporcionam «pistas, orientações e exemplos que pode imitar» mas que «não conseguem oferecer-lhe no seu conjunto um itinerário completo do processo discipular». A finalidade poderá ser sugerir ao leitor que «cada pessoa tem que recorrer o seu próprio caminho como discípulo e que, para isso, a única coisa verdadeiramente necessária é ir atrás de Jesus» (p. 105).

O capítulo V recorda o essencial do discipulado: «atrás de Jesus». O final do Evangelho que apresenta umas mulheres paralisadas pelo medo e que, portanto, não anunciam aos discípulos a ressurreição e o pedido de regresso à Galileia, são um desafio ao leitor e ouvinte que conhece a história toda e, por isso, pode regressar à Galileia para «ver» Jesus ressuscitado (16,8). Este «regresso» significa reler o relato da boa notícia sobre Jesus à luz da Páscoa, para poder aprofundar o mistério de Jesus e o que significa seguir «atrás dele». Agora o leitor pode entender que os modelos humanos são parciais e falíveis; o único modelo definitivo é Jesus. Por isso, o essencial do discipulado não é imitar alguém, mas seguir «atrás de» Jesus; o caminho do Senhor é o caminho do discípulo e só assim este poderá descobrir a resposta ao chamado «segredo messiânico»: «Jesus não é um Messias Filho de David, mas um Messias Filho de Deus que participa na sua glória e no seu poder» (p. 116) e que atua segundo a lógica divina. Por isso, a mistério da cruz só se entende a partir do ponto de vista de Deus, que implica entrar noutra perspetiva diferente da do mundo, só possível quando nos colocamos «atrás de Jesus». Esta é a dificuldade dos discípulos e o desafio feito ao leitor.

Santiago Guijarro apresenta uma leitura do Evangelho de Marcos a partir da perspetiva do discipulado (uma das linhas condutoras, ligada à da cristologia) com uma intenção vincadamente pragmática: levar o leitor real a confrontar o seu discipulado com os diferentes modelos que vão surgindo ao longo do relato. Nenhum deles nos apresenta um modelo acabado e perfeito, de tal forma que o leitor se apercebe que o único modelo é Jesus. Por isso, tal como os Doze, o convite é seguir «atrás de» Jesus, deixando-se transformar pela história que lê. O diálogo com a narração será diferente para cada leitor de acordo com a sua situação vital. A intenção de Santiago, ao escrever este livro, foi «facilitar esse diálogo» (p. 131). E conseguiu-o.

*Mario Sousa*